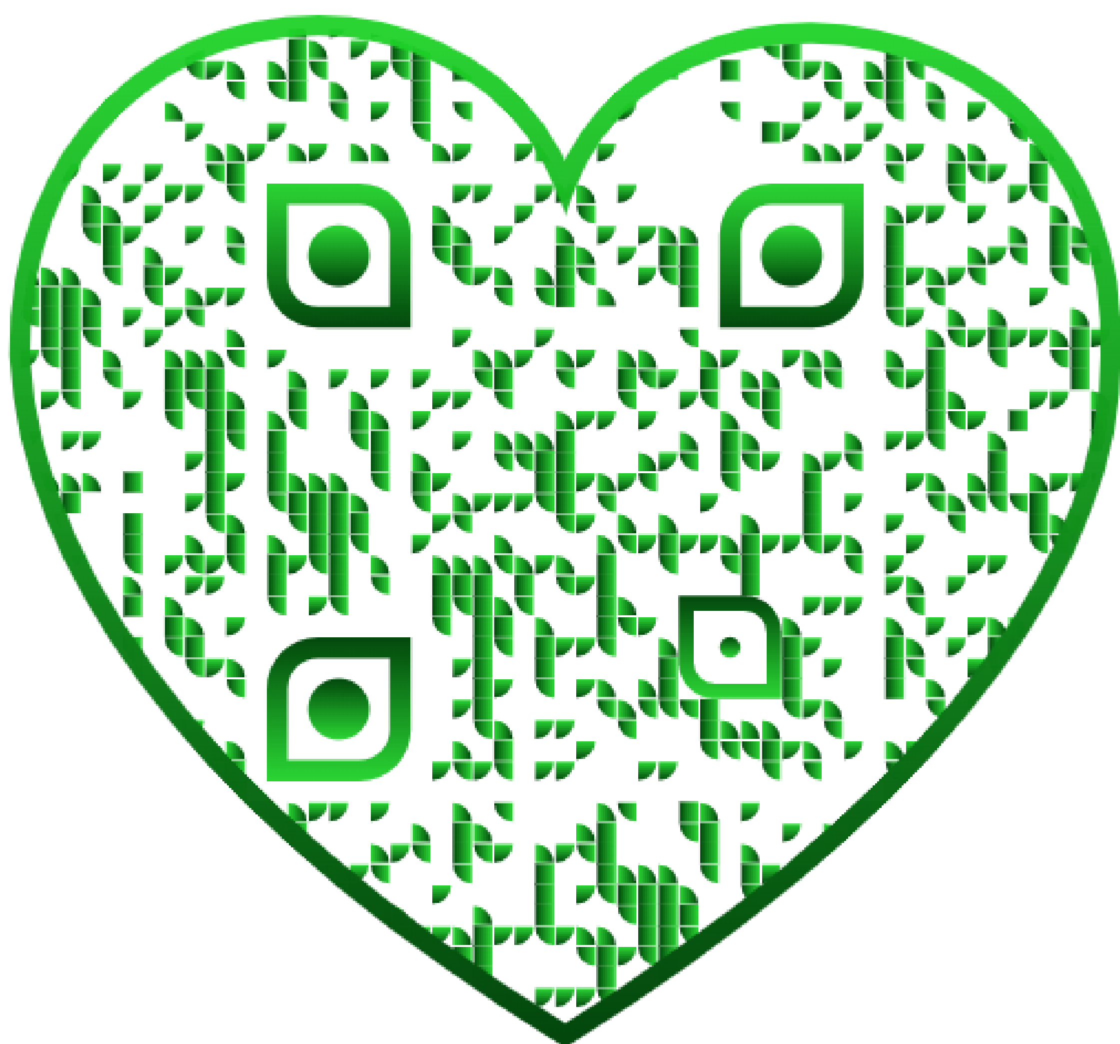
Insistes em dizer

Insistes em dizer que não te amo
mas meu amor se esmera em comprazer-te,
e mesmo contra mim concebo danos,
pensando em ti a ponto de perder-me.
Sou tirano de mim por teu amor —
esqueço meus amigos mais amados
se franzes o teu cenho com enfado
pela presença que não te compraz.
Se te ofendo ou constranjo, digo, aliás,
eu me vingo de mim: sou só sofrer
pelo meu próprio e inadequado ser
que me faz degredado em minha vida.
Meu amor, quererás de mim teu mal?
Saberei demolir teu pedestal!



Tu és tirano

Tu és tirano como são tiranos
aqueles que a beleza engalanou,
todavia sem alma, só enganos.
A crueldade é face da beleza
quando surge em pessoas sem calor,
e desconheço alguém que a natureza
tanto dotou e só devolve dor.
Tua olhada glacial mostra o teu ser
vazio, mas rico em autocomplacência.
Títere tolo, escravo de viver
mendigo dos olhares, vão prazer,
distante de fulgor e transparência.
Esquecendo a beleza que é amar,
terminaste por ser banal, vulgar.

É certo que eu andei

É certo que eu andei por várias sendas
e me fiz de palhaço em muitas tendas,
estrangulei desejos e carícias
desertei de amizades e blandícias.
Te perseguia, e os portos eram exílio —
estranho olhava o mundo e me exauria.
Tais caminhos lavaram a juventude
de meu rosto cansado. E só te amo.
O que já foi, será: não há retorno:
não mais saturarei o meu desejo,
não vou provar paixões em novos leitos.
O amor me seqüestrou, fosse eu um deus.
Se o corpo fraquejou, estou no céu.
de teu amor tão puro, envolto em véu.

A face que tu viste

A face que tu viste em teu espelho,
um dia te olhará de modo alheio.
Perguntará aonde foi tua imagem,
procurando-a no tempo e seu segredo.
Onde transitará tua face cálida
que sustentou teus dias de sossego?
Prudente tu serás se para a lápide
conduzires o olhar mais puro e firme.
Retém a primavera de teu dia,
antes que a mão da hora te amorteça.
Verás pela vidraça a face lisa
o dia alado, mesmo se te engelhas.
Sustém a imagem enquanto o sol aquece
distante de teu passo. E permanece.

Quais serão as razões

Quais serão as razões da negligência
de minha Musa em face da verdade,
pois não há na verdade consistência
se da beleza ela não mostra a face?
Por acaso a verdade é incolor?
Se não tem mais que a força de uma flor,
o pincel não consegue demonstrá-la?
Grandeza é só grandeza, e isto não basta:
é preciso trazê-la à flor da pele
do papel na esperança do silêncio
de se romper em canto, som e cor.
Meu ofício repousa em tua destreza,
Musa endormida. Mas irás fazer
da verdade, a beleza, em pleno ser.

Não se permita o amor idolatria

Não se permita o amor idolatria,
nem mito se revele o meu amado,
pois que esse canto só por ele avia
— por ele, desde sempre firme e atado.
Se agora meu amor é todo e uno,
se deslumbra em seu ser o seu apuro,
depois não será outro, e assim foi ontem,
puro e perene, amante da clausura,
em verso feito ou entressonhado em ato.
Esta constância sempre em meu espelho
nada muda. O fervor é o mesmo lema
e apenas isto é tudo o que eu concebo.
Na letra deste amor varia a rema
numa vida selada em um só tema.

Onde estás, onde estás

Onde estás, onde estás que te esqueceste
de aparecer na casa que te cabe,
afastada de ti que te aqueceste
num corpo de mulher que sempre arde
por tua voz infiel? Redime tua memória
agora, que te quero. Enquanto se abria
o dia de minha história eu já auscultava,
como o sol, novo e velho a cada dia,
tua magia no peito que pulsava.
Ergue, musa de fogo, a face antiga
onde o tempo esculpiu amor e intriga
— e se também o fez em minha vida
doou-me o meu sustento, este meu verbo
para conter a foice quando chegue.

Pedregoso é este caminho

Pedregoso é este caminho
de minha procura e fado.
Vejo quão longe ando ainda
deste amor predestinado
que sustenta a íntima fera
e agrilhoa meu desgosto.
Verga o corpo, cresce o ânimo
— presa do instinto, o sol posto.
Nem mesmo a espora de sangue,
mesmo o rancor não permitem
vencer o vaticinado
de amor. Desespere e grite,
se as penas comandam o passo,
seu júbilo é o cansaço.

Por você me ausentei

Por você me ausentei das estações
quando o verão audaz já se enfeitava
e entranhava calor em cada ser.
Nem mesmo meu humor ensombrecia
os raios pressurosos das manhãs
com seus tons de esplendor em flores flavas,
enquanto se abriam as alvoradas.
De sua mirada altiva contemplava:
o que seria a alpínia purpurata?
da rosa aquele rubro mais audaz?
Tocam as ave-marias, busco a imagem
desenhada na sombra em mim vagando.
Enquanto tão glacial teu passo arde
e teu vulto me esmaga nesta tarde.

Se me acusares

Se me acusares de eu ter sido avaro,
quando nos descampados me esperavas,
não penses que por ti eu não sofria —
atado nas amarras de meu fado.
Talvez a vida instrua a teu agravo
que nem todo desejo o tempo avia.
Tempestades e angústias me seguiram,
enquanto só nos sonhos eu te via.
Se não estou a teu lado quando exiges,
só te peço entender que meu destino
é um desfilar de erros e desditas.
Mas não me queiras mal nem me olvides:
todo o meu ser se move para o dia
de estar contigo, fonte da alegria.

Vês as ondas sumindo

Vês as ondas sumindo pelas pedras?
Os minutos percorrem igual roteiro.
A história que vivemos cada dia
também corre como a água pela areia,
e o farol dos segundos se antecipa
no alto-mar profundo de nós mesmos.
O tempo não sustenta a mocidade
e craveja sua garra em nossa face.
Sua avidez se nutre em rota cega
e nada escapa de sua foice certa.
O mar rechaça os náufragos sedentos,
mais vazias despertam as cidades.
Mas meu verso relata e permanece
louvando tua figura em minha prece.

O desejo do belo habita

O desejo do belo habita a alma,
mas o temor é que se apague e passe,
quando o tropel das horas se abater
sobre a figura prima da beleza.
A memória não traia a realidade,
todavia, fixada na centelha
do rápido fulgor de uma lembrança —
alimenta esta flama em teu caminho,
apesar de cruel o esto dos dias.
Sopra frescor no mundo envelhecido,
arauto da doçura em primavera.
E nós com nosso verso suplicamos
piedade aos errantes dessa estrada
— seu roteiro é ceifar-nos para o nada.

Não queres meu amor

Não queres meu amor. Meu sentimento,
entretanto, ultrapassa o teu querer.
Se o desprezo é tributo, sou feliz
de pagar tanto, e tu sequer me veres
quando te vejo. Entre ternura e pasmo,
contemplo o teu andar tão distraído
nos vórtices de amor desta minha alma.
Não penses me queixo do destino:
o meu amor é aura, honra e fado.
Enquanto tu transitas ao acaso,
minha vida se projeta ao infinito
de uma régia paixão que glorifica.
E se a dor abater-se em minha lida,
o tesouro do amor me acende a vida.

Há quem comente

Há quem comente sempre os teus erros,
mas sabes que percorres trilhas certas,
e se teu proceder os desconcerta
é porque seu olhar tudo adultera.
Não é o teu agir que os aterra:
é o que nunca conseguiram ser,
embora não haja ser liso e completo.
Se estimam mal o que concebo bem,
quanto a mim, sou o que sou, doa a quem
doer, isento em face do poder.
Falem de mim e isto é até prazer,
pois constato a alta conta em que me têm.
O mal do mundo nunca se alimenta
de frutos sãos, é o podre que o sustenta.

O que construo

O que construo não será tua glória,
no acerbo vendaval de tuas horas.
Nada me estranha nem me debilita,
mesmo a devastação de tua história.
Os encontros são breves, nossa velhice
és tu que precipitas, tu que tramas —
e os momentos de amor e a juventude
és tu que os corróis e os desiludes.
Se os queremos de volta, a nosso alento,
só nos devolves dor, saudade e pranto.
Mas há o que se grave para sempre,
há tudo o que não podes arrastar:
tua foice não golpeia a realeza
do espírito do artista, que é a beleza

As horas com mãos engenhosas

As horas com mãos engenhosas
teceram no olhar dos humanos
a face fugaz da beleza.
Tateamos no escuro denso,
buscando a visão soberana.
Sopra o vento no descampado
e destrança a breve urdidura.
Nossos olhos não mais divisam
a miragem da formosura —
cela volátil do sublime.
É a mão do tempo que nos priva
do que pensávamos perene.
A lembrança absorve fiel
o instante tornado indelével.

Meu amor jurou

Meu amor jurou
que me tem amor,
mas não é verdade —
eu sei que ele mente,
e agüento a maldade.
Se ele compreender,
perderá a graça
esse jogo ou farsa
do meu padecer.
Se digo “também”
(minha sina é sofrer),
sei que penso “amém”.
Meu sofrer é vero,
seu amor é zero.

Antes, a lembrança

Antes, a lembrança da alegria vinha,
e um sonho desanuviava o pensamento,
mas fugiram como as nuvens os anseios,
e a garra do tempo apagou a utopia
da selvagem travessia em nossas vidas.
Um anjo negro apousou em nosso sossego
e sua espada retalhava o sentimento
mais doce de um instante de contentamento
— sereno e completo em maciez e calma.
Um adágio azul ressoava dentro da alma,
enquanto as mãos se juntavam em prece intensa:
“Que não me levem este amor nem esta vez,
que não se toque no sonho nem de leve!”.
A felicidade é breve, breve. Breve.

Quando o passar dos anos

Quando o passar dos anos se arrastar
frente à janela onde esperaste o amado,
não te aflijas em vão, pois ao findar
o passageiro bem da mocidade
persiste o teu desejo e a tua chama —
o ardor do teu amar não tem idade.
Porém, se mesmo assim te atormentares
ao lembrar os olhares deslumbrados
com o frescor de tua boca e de tua pele
sedenta de carícias e de beijos,
reflete só um pouco: os anos idos
podem ter sido duros e amargados,
e não padeces mais da longa espera
de um desprezado amor, louca quimera.

Meu amor não tem olhos

Meu amor não tem olhos azuis,
não vai a academias nem se importa
se tem corpo bronzeado quando nu
e, se vestido, que moda o adorna.
Compra perfume em supermercado
e não sabe se é de couro a sua base.
Mas se ele fala, todos param e miram:
há um encanto e uma luz em cada sílaba.
Ele brilha qual sol, e me arrebata
cada vez em que penso como fala,
pois falar é o reflexo de um espírito
que os dias não desgastam com sua ira.
Não se encontra homem assim em cada esquina,
e dele é meu amor e minha sina.

A voz que ouves

A voz que ouves agora cai no incerto
momento do amanhã e do segredo,
um dia estará morta em seu deserto,
num mundo cego, largada ao ermo.
Apenas canto porque assim sou.
Canto porque não sei se fico ou vou.
Nada predigo: nossa história muda
como mudam as formas de Proteu.
Mas nos meus dias apenas este canto.
lembra de mim, pois nada mais sou eu.
Quando me renderá na minha sorte
a experiência extrema dela, a morte?
Quero afundar no seu olvido límpido
pois só cantei, sem sequer ser ouvido.